

DISCURSO EM *JOGO*: O GRITO DE VITÓRIA NO ACONTECIMENTO ESPORTIVO

DISCOURSE IN MATCH: THE VICTORY CRY IN THE SPORTING FACT

Weverton Ortiz Fernandes¹

RESUMO: O presente estudo trata do grito de vitória comum no meio esportivo e na sociedade brasileira, com vistas a refletir a significação dessa celebração no acontecimento discursivo. A pesquisa se fundamenta nos procedimentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, fundada por Pêcheux (1969) na França e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi (1992, 2008, 2015, 2017). No desenvolvimento da análise, ficou compreendido que a formulação *é campeão*, cantada por diferentes torcidas (ou torcidas organizadas) do meio esportivo, não se limita às implicações e aos implícitos que giram em torno desse dizer. No decorrer da reflexão, colocamos em causa o funcionamento do verbo *ser*, ao perguntarmos pelos efeitos de sentidos que ultrapassam suas categorizações linguísticas.

Palavras-chave: Cultura esportiva; Acontecimento discursivo; Língua.

ABSTRACT: This study treat with the common victory cry in sports and in Brazilian society, with objective to reflecting the meaning of this saying in the discursive fact. The study proposal is based on the theoretical and methodological procedures of Discourse Analysis, founded by Pêcheux (1969) in France and developed in Brazil by Eni Orlandi (1992, 2008, 2015, 2017). In the development of the analysis, it was understood that the formulation *é campeão*, sung by different fans (or organized fans) of the sporting environment, it is not limited to the implications and implicit that revolve around this saying. During the research, we questioned the functioning of the verb to be, when we ask for the effects of meanings that go beyond their linguistic categorizations.

Keywords: Sports culture ; Discursive fact ; Language.

Este grito marca o momento em que a participação passiva do espectador-torcedor se converte em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável. (Michel Pêcheux em Discurso: estrutura ou acontecimento, 2012 [1983], p. 21).

¹ Doutor em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Professor de Língua Portuguesa no Departamento de Pedagogia e Administração da Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT - Campus de Juara. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística.

Introdução

As duas primeiras décadas do século XXI caracterizam-se, em termos globais, pela consolidação de uma prática cultural, secular, consideravelmente presente na vida dos brasileiros: as práticas esportivas. Essas práticas, na contemporaneidade, configuram um cenário de apresentações entre atores e espectadores, com presença massiva das torcidas nos meios digitais e/ou televisivos. O cenário das apresentações ritualiza a mesma cena nas diferentes modalidades, em uma trama que termina com um roteiro sempre repetido: a comemoração de um título conquistado por uma equipe x.

O gesto de celebrar uma conquista convoca uma expressão gestual e vocal que atravessa diversas línguas nas mais diferentes vozes e culturas: *é campeão!*, presença certa na voz dos locutores, no cerimonial de premiações, no texto jornalístico. Do alto das arquibancadas, é cantada pelas diversas torcidas esportivas, e sua entoação/entonação vai de um momento de expectativas à certeza de uma conquista. É uma formulação que costuma ser lembrada pelos jogadores à beira do gramado, assim como no cerimonial das premiações. Um misto de euforia e felicidade reunidos em um grito cantado. Grito e festa.

Por supormos no grito de vitória outros efeitos não limitados às glórias de um time dentro de campo, perguntamos pelo funcionamento da significação em *é campeão*, considerando seu emprego em uma sociedade capitalista do século XXI. Fundamentamos nossa proposta de estudo nos procedimentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, fundada por Pêcheux (1969) na França e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi. Visamos compreender como o grito de vitória e o sujeito-torcedor constituem-se por uma imprecisão dos sentidos inscritos no acontecimento discursivo.

Neste estudo, propomos uma leitura discursiva da formulação supracitada, considerando o seu funcionamento não definido nem no tempo e nem no espaço. Nesse primeiro momento, visamos refletir como essa formulação funciona em suas diferentes condições de produção; posteriormente, como a materialidade do grito de vitória rompe com as tradicionais categorizações linguísticas e significa aquilo que o sujeito não imagina dizer.

1 As diferentes condições de produção de um mesmo dizer

A formulação *é campeão*, na voz do jornalista, passa a funcionar como uma informação atestada pelo resultado do jogo. De outro modo, pelo dirigente do clube, pelos jogadores, uma conquista esportiva. Em termos linguísticos, representa o imaginário social de que algo, alguém, é campeão. Podemos observar uma mesma formulação inscrita nas diferentes formações discursivas, regiões de sentidos que determinam ao sujeito o que pode e deve ser dito. E no grito de vitória cantado pela torcida, como discursivamente esses mesmos dizeres funcionam?

Vale ressaltar seu funcionamento em diferentes línguas, como no noticiário que relata a conquista de um clube inglês² campeão nacional: “Na Inglaterra, por exemplo, o time de Liverpool comemorou, em suas redes sociais, com os seguintes dizeres: ‘Nós somos campeões’”;

² Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/liverpool-comemora-titulo-inedito-da-premier-league-nos-somos-campeoes.ghtml>. Acesso em 30 de jun. 2020.

ou no território brasileiro³: “É o caso do grito de vitória dos torcedores brasileiros no Maracanã, cantada ao final do jogo na final entre Brasil e Espanha, pela Copa das Confederações de 2013”.

Além disso, não podemos desconsiderar o grito de vitória em uma sociedade capitalista como a nossa. É o grito das altas cifras, composto por patrocinadores das equipes esportivas e das entidades organizadoras das competições. O grito de vitória cantada pela torcida vitoriosa já é sabido desde antes de iniciar uma competição, porém, imaginariamente funciona como uma ocorrência inédita, única.

É a celebração da conquista de um campeonato que põe em evidência no grito cantado o mercado em funcionamento. O grito de vitória vale-se da alegria do torcedor para significar o ausente, a sociedade de consumo, pois é através desse evento que os produtos ganham visibilidade nas redes sociais e em programas televisivos. Isso é possível por haver a massa, os aficionados torcedores, celebrando uma conquista, acompanhando a vitória de uma equipe esportiva.

Por esse motivo problematizamos *é campeão* na voz do torcedor. A paixão desse sujeito em números expressivos não passa despercebida pelo mercado consumidor. São os efeitos de sentidos de uma paixão em circulação no meio social, em ambientes esportivos, que move o mercado e resulta em diversas práticas sociais: a mídia, a internet e os espectadores pouco passivos.

A formulação *é campeão* funciona, conforme destacamos acima, como um dizer consideravelmente comum em diversos países, com sua significação aparentemente inquestionável e, até mesmo, imperceptível. Uma formulação ligada às práticas esportivas, ao lazer, ao cuidado da saúde, ao respeito entre vencedores e vencidos.

Como podemos observar, o grito de vitória atravessa as diferentes condições de produção. Por visarmos refletir nessa formulação seus efeitos de sentidos pelo funcionamento linguístico, pensamos no grito de vitória da torcida esportiva o acontecimento discursivo. Ao falarmos de acontecimento, adiante, especificaremos essa noção pela Análise de Discurso.

A noção de acontecimento, conforme Pêcheux (2012 [1983], p. 17), é definida como fato novo, cifras novas, que compreende no funcionamento dos dizeres o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória. Orlandi desmistifica a noção de acontecimento como algo existente no mundo, um evento, e a compreende como um fato que metaforiza/deriva/desloca a produção dos sentidos: “Os mesmos fatos, coisas e seres têm sentidos diferentes de acordo com as suas condições de existência e de produção” (ORLANDI, 2017, p. 105).

Assim, por mais que o sujeito represente os mesmos dizeres, trata-se de distintos fatos. A significação, o fato e o acontecimento, nas considerações da autora, não se prendem à evidência dos sentidos: “Chegamos, então, ao ‘acontecimento como fato que não se repete’, ‘aquilo que não é evidente’”. (ORLANDI, 2017, p. 106). Mais adiante, a autora (Idem) compreende no acontecimento o funcionamento da contradição.

Ora, discursivamente, tratando-se dos processos de significação, penso que o acontecimento pode ser concebido não pela singularidade - não há senão versões, afirmo -, mas pelo movimento e abertura ao acaso, no jogo com a necessidade. Os sujeitos fazem trabalhar o acontecimento - o fato novo - em

³ Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=HY7T9Y4sLeU>. Acesso em 30 de jun. de 2020.

seu contexto de atualidade e no espaço da memória que convoca, segundo Pêcheux (1990), e que já começa a reorganizar, pois remete a um conteúdo sócio-político, ao mesmo tempo perfeitamente transparente e profundamente opaco.

Os processos de significação, pela Análise de Discurso, constituem-se pela articulação indissociável entre a língua, o sujeito e a memória. O sujeito diz aquilo que pensa e, ao mesmo tempo, seu dizer e sua significação constituem-se pelos sentidos não pensados. É no jogo da contradição produzido pela ideologia que a língua e o sujeito se constituem mutuamente. Nessa direção, propomos refletir em que medida o grito de *é campeão* no meio esportivo produz outros efeitos, uma pluralidade de significação não pensada, não imaginada, mas significada pelo sujeito que o formula.

Os procedimentos de análise da Análise de Discurso, portanto, leva em consideração no funcionamento dos sentidos a relação da língua com o social, com o mundo. Michel de Certeau compreende os efeitos de sentidos dos dizeres, a formulação, na deriva da significação. A instância ideológica, segundo o autor (2012, p. 198), metamorfoseia-se na prática cultural. Como exemplo, o pesquisador trata da noção de povo deslocada para público em espaços de lazer.

Orlandi (2017, p. 108) ressalta nesses deslocamentos o não reconhecimento do sujeito no movimento da significação: “[...] a inexatidão dos sentidos e a introdução do nada, de que falamos mais acima, e que pode ser compreendido como desejo. Memória, esquecimento e ideologia”. A Análise de Discurso, então, não se limita a compreender a exatidão da significação no funcionamento da linguagem.

A noção de cultura tratada neste estudo distancia-se de uma significação e de um funcionamento homogêneo: ela é plural, oposta à cultura no singular. Michel de Certeau (2012, p. 241) afirma que as concepções tradicionais de cultura: “[...] têm como característica comum a vontade de instaurar a unidade, isto é, um totalitarismo. A cultura no singular impõe sempre a lei de um poder”. Pensamos a prática esportiva pelo modo como o francês compreende, discursivamente, a noção de cultura: uma prática no plural.

Pensar a prática esportiva enquanto uma prática cultural, no plural, leva-nos a problematizar no grito de vitória o funcionamento da não concretude dos sentidos, com sua opacidade, em que a significação das práticas no meio esportivo não se separa da ideologia que a sustenta. As práticas esportivas no Período Moderno se historicizam por um efeito de competitividade: há uma regra que delibera o vencedor de um jogo; de uma competição. Quando se fala em esporte, supõe-se, genericamente, uma competição entre atletas e equipes, cujo objetivo é o de uma lógica aparentemente inquestionável: atestar o vencedor de um torneio.

Projeta-se um cenário idealizado para a competição: atletas em campo, espectadores nas arquibancadas, ao mesmo tempo em que não se dissociam campo e arquibancada, jogadores e torcidas: dentre diversos motivos, uma delas é que é para a torcida que as agremiações, os clubes e os jogadores atuam. É o *outro* imaginariamente projetado dentro de campo pelos atletas e clubes/agremiações.

Na atualidade, com o advento da tecnologia, os espectadores ultrapassam os limites da arquibancada e encontram-se em vários lugares: no sofá da casa, nos bares com os amigos. Mas desconfiamos que esses espectadores sejam totalmente passivos. O campo esportivo materializa vários efeitos de sentidos, mais precisamente, pelo seu aspecto metafórico, em que a significação

vai além da disputa de vários jogadores correndo atrás de uma bola: a interpretação referente ao campo de jogo não escapa do campo simbólico da linguagem.

No caso do futebol, por exemplo, a disputa entre os competidores pelo espaço do campo, pela posse de bola, configura um cenário de conflito campal. Há uma regra do esporte que media essa disputa, aplicada pelo juiz. Há uma regra tática de jogo organizada pelos técnicos de futebol, executada pelos jogadores. Esse cenário de conflito entre as duas equipes, diversas vezes, alcança as arquibancadas, com provocações e hostilizações entre torcedores de diferentes agremiações. A própria noção de rivalidade discorrida pela mídia, referente às diferentes equipes e torcidas do meio esportivo, atualiza os efeitos de um cenário de conflito que o próprio esporte reforça para, em seguida, negá-la.

Eni Orlandi (2017) observa, com precisão, essas questões na prática esportiva, ao citar uma situação de jogo vivida pelo jogador de futebol Daniel Alves, época em que atuava pelo Barcelona, da Espanha. Um torcedor adversário atirou-lhe uma banana, à beira da linha do escanteio. Esse gesto significou, no campo de jogo, os efeitos de sentidos do preconceito. Daniel Alves, ao retribuir o gesto comendo a banana, segundo a pesquisadora, instalou um acontecimento, um fato novo, e produziu uma ruptura: tratou aquela cena à beira do gramado como um momento de refeição, e os efeitos de sentidos de preconceito voltaram-se ao torcedor.

A partir dos estudos de Pêcheux (1983), Orlandi (2017) compreende o acontecimento discursivo deslocado de dado. No grito de vitória, visamos refletir os diversos efeitos de sentidos em uma formulação repetida por diferentes grupos de torcedores. Especificamente, sobre o Palmeiras, *campeão do Brasileiro de 2018*, desdobra-se em outras formulações: *O Palmeiras é campeão brasileiro de 2018 / é campeão!* O grito de vitória dessa competição remete ao primeiro time a conquistar dez vezes o título da competição nacional, um fato novo. Há uma simbologia social e histórica que permeia a significação do número 10. Ao lado desta, destacamos outras formulações.

FORMULAÇÃO 1: Aos 30 minutos do segundo [tempo], a Seleção Brasileira já era campeã da Copa das Confederações, pelo menos para a torcida brasileira, que não continha o grito. - É campeão!!!!⁴

FORMULAÇÃO 2: A torcida ficou tão empolgada com o resultado e o empate do Palmeiras no último sábado que comemorou o terceiro gol com o grito de “é campeão”⁵.

FORMULAÇÃO 3: Além dos gritos de “é campeão” e “quem tem mais tem 10”, também surgiram provocações ao Flamengo, vice-campeão”⁶.

FORMULAÇÃO 4: Autor do gol do título, Deyverson, como esperado, era um dos mais animados pela conquista e publicou diversos vídeos: gritando “é campeão”, cantando e

⁴ Cf. o site <https://www.cbf.com.br/amp/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/o-maraca-e-nosso-aha-uhu>. Acesso em 09 de jul. 2020.

⁵ Cf. o site <https://www.lance.com.br/galeria-premium/talento-individual-virada-grito-campeao-vitoria-flamengo-maracana.html>. Acesso em 09 de jul. 2020.

⁶ Cf. o site <https://jovempan.com.br/esportes/futebol/palmeiras/festa-do-titulo-do-palmeiras-invade-a-madrugada-e-tem-provocacoes.html>. Acesso em 09 de jul. 2020.

brincando⁷.

A respeito das descrições, temos o grito de vitória que celebra a conquista da Seleção Brasileira de Futebol, a conquista do Campeonato Brasileiro de 2019 pelo Flamengo, e a conquista do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2018 pelo Palmeiras. Observa-se que o grito de *é campeão* não se limita a um determinado período específico: rompe com o tempo e o espaço. Excessos que se repetem pelo trabalho da ideologia, mas com significações distintas: “[...] esses enunciados remetem ao mesmo fato, mas eles não constroem as mesmas significações”. (PÊCHEUX, 2012 [1983], p. 20).

2 O grito de vitória no acontecimento esportivo: uma formulação do entremeio

O grito de vitória *é campeão* funciona como uma formulação empregada pelas diferentes torcidas de clubes esportivos. O fato de torcer por um time e não por outro caracteriza o imaginário de diferença entre as torcidas esportivas. Essa diferença se dilui pela materialidade da língua significada em um mesmo gesto: uma voz que canta; um eco que soa; e um grito que os unem: as diferentes torcidas compõem o mesmo coro reunido em uma só voz.

É uma formulação que tem um aspecto bastante interessante e, ao mesmo tempo, complexo: tal time *é campeão* é informado pelo jornalista, relatado pelos cronistas, e ressaltada pela organização da competição no cerimonial das premiações. Até esse momento, convencionou-se como aquele que diz referente a outra pessoa: “ele é o vencedor da competição”. Trata-se de não ser o locutor, o cronista e os organizadores do evento os campeões de uma competição. Quanto à comemoração da torcida referente à conquista do seu clube, outros funcionamentos para além das categorizações linguísticas impõem-se neste estudo.

No caso do Palmeiras, especificamente, a vitória contra o Vasco da Gama, obtida pelo placar mínimo, matematicamente garantiu à equipe a primeira colocação na tabela de classificação do Brasileirão de 2018. Socialmente, está naturalizado ao fim de uma competição um campeão, caracterizado pela soma de vitórias e derrotas, empates e pontuações.

Há o dado que garante ao time vitorioso, sem possibilidades de erro, o primeiro lugar da competição. Há um vencedor; e há os vencidos. Ponto final. Esse dado começa a romper-se, desconstruir-se e produzir outros sentidos quando interpretado pelos organizadores da competição, pelas equipes de futebol, jornalistas. Seu aspecto primeiro, o dado, que é o resultado do jogo e da competição, configura o primeiro passo para as interpretações que aí se impõem.

No caso do Palmeiras, especificamente, trabalha efeito de prestígio produzido pela ideologia na conquista do décimo título nacional. Confirmado o resultado ao final da partida, a festa. E, com a festa, o grito de vitória que, de um lado, congela a cena de alegrias estampadas no rosto do espectador e, de outro, o grito é propagado pela mídia às diferentes classes sociais, gêneros, consumidores, tempo e espaço.

É assim que o grito de vitória surge como absolutamente inquestionável, mas

⁷ Cf. o site <https://jovempan.com.br/esportes/futebol/palmeiras/festa-do-titulo-do-palmeiras-invade-a-madrugada-e-tem-provocacoes.html>. Acesso em 09 de jul. 2020.

profundamente opaco. A materialidade do grito de *é campeão*⁸ configura o dado em fato, e ao celebrar esse novo momento, essa nova história, o décimo título nacional conquistado pela equipe esportiva, é significado em forma de celebração festiva: a interpretação do resultado vai da conquista de uma equipe ao grito de vitória festejada pela torcida. É a metáfora em jogo na celebração de um resultado conquistado no campo.

O grito de vitória *é campeão*, portanto, materializa no acontecimento esportivo a significação de uma celebração festiva, e já não se sustenta como uma equação do resultado referente ao título conquistado por uma equipe esportiva. Nesses dados, números, equações, a interpretação ultrapassa o resultado final de uma competição.

A equação do resultado em campo ao apontar um vencedor, divide interpretações: o lamento dos vencidos; a alegria dos vencedores. A formulação *é campeão*, na forma cantada e festejada no meio esportivo, instala em sua estrutura linguística, na atualidade do dizer, a memória da festa, “[...] o fato novo - em seu contexto de atualidade e no espaço da memória que convoca”. (ORLANDI, 2017, p. 106).

Pela tradição gramatical, *é campeão* desempenha a função de predicativo do sujeito, composto pelo verbo de ligação *é*, ausente de elementos mórficos, com o sujeito gramatical caracterizado pela conjugação do verbo *ser* na terceira pessoa do singular. Pelo imaginário social, o “implícito” no grito de vitória aponta que *Palmeiras (ele) é campeão*. Enquanto verbo de ligação na terceira pessoa do singular, é impensável o plural de sua significação: referir-se a primeira pessoa (nós) pela forma verbal *é*, configura-se como inconcebível pela tradição dos estudos gramaticais e, também, linguísticos.

Porém, as categorizações linguísticas na formulação cantada, em coro, deslizam no acontecimento: a formulação do grito configura um distanciamento e, ao mesmo tempo, uma aproximação do sujeito-torcedor com a consagração do clube: *é campeão* já não soa estranho aos efeitos de *eu sou/nós somos campeões*; e situa o grito de vitória entre as glórias de um time e as do torcedor. Uma formulação do entremeio.

O canto das torcidas instala uma cena que passa a significar mais a alegria daquele que interpreta o dado, o resultado do jogo, do que a conquista da equipe/agremiação esportiva. A estrutura do referido dizer cantado, tomada pelo acontecimento, produz a ruptura gramatical do verbo *ser* no singular e, assim, a materialidade linguística do grito de vitória de uma torcida, ao comemorar a conquista de uma equipe esportiva, funciona no plural. (CERTEAU, 2012).

Dito de outro modo, é a invisibilidade dos sentidos materializada na forma visível da língua. A forma-matéria do verbo *ser*, então, tomada no acontecimento, rompe-se e não mais se define no singular, e dessa maneira o sujeito-torcedor reconhece para si o título conquistado pelo clube do coração. Reiterando o que dissemos a pouco: o grito de *é campeão* exalta mais aquele (s) que canta (m) a conquista de seu clube do que a conquista da agremiação esportiva. Deriva.

O grito de vitória coloca em xeque o pressuposto de *ele (o Palmeiras) é campeão do Brasileiro*. A formulação entoada pela torcida, pelos dizeres em funcionamento no meio social, não corresponde à lógica gramatical que contempla, no grito de vitória, o sujeito da oração, sujeito oculto e o complemento nominal de *campeão*.

Se o grito de vitória fosse: *O Palmeiras é campeão*, repetido a todo instante,

⁸ Importante ressaltar que o grito *é campeão*, ao contrário do que poderia supor, não trata de um coloquialismo *nóis é campeão*, mas pela deriva: *O Palmeiras é campeão do Brasileiro de 2018*.

exaustivamente, outros efeitos poderiam se instalar: efeito de culto ao time vencedor, um reconhecimento à equipe de melhor campanha na competição nacional, com o torcedor se significando fora dessa conquista.

Por outro lado, se o grito cantado fosse: *nós somos campeões*, poderia configurar um dizer não autorizado ao torcedor, fazendo com que outros efeitos de sentidos se instalassem nessa formulação: efeitos de arrogância; efeitos de incoerência. Como atestam os dados, o sujeito-torcedor não entrou em campo, não atuou no jogo.

Ao sujeito-torcedor, situar-se fora ou dentro dessa conquista constitui o impossível de dizer, ao mesmo tempo em que esse impossível funciona desconstruído pela indeterminação dos sentidos em um grito cantado, tomado no acontecimento discursivo. O sujeito é significado por diferentes discursos e, ao dizer de um modo e não de outro, constitui-se pelos múltiplos dizeres que falam nele.

O grito de *é campeão*, tomado pelo acontecimento, dispensa o complemento, suficiente para a incompletude atualizar a memória festiva. A estrutura do predicativo já não dá conta, desse modo, de representar a significação de estado ou qualidade de algo que faz menção ao sujeito da oração. O grito de vitória mais diz do estado de êxtase do sujeito que canta do que da referência ao time vencedor. Pelos seus aspectos sonoros, tônicos e átonos, a todo instante repetido pelo ritmo *écam-pe-ão!* / lá - sol - sol - sol escapa e soa como um grito cantado, celebrado, festejado.

O impossível de não dizer referente a um fato de linguagem permite-nos compreender o efeito metafórico nessa formulação. O funcionamento da estrutura do grito de vitória vai para o caminho de uma significação indefinida, pelo movimento dos sentidos, em que o reconhecimento/não reconhecimento do sujeito-torcedor passa pelos deslizamentos de sentidos na materialidade da língua, conforme o esquema a seguir:

O Palmeiras é campeão do Brasileirão de 2018

O Palmeiras é campeão brasileiro

<< é campeão!! >>

Na formulação em destaque: *é campeão!*, a questão do pressuposto, do implícito, assim como as dos complementos e predicativos, situa-se no batimento entre esse dizer e outros dizeres: *o Palmeiras é campeão* / *O palmeiras e nós somos campeões* / *Nós (a torcida) somos campeões*.

Ou seja, *é campeão!* se caracteriza como um dizer carregado de múltiplos dizeres, constituído pelas paráfrases: *o Palmeiras é campeão!*; e pela polissemia: *somos campeões!*, situado entre o mesmo e o diferente, entre o time e o torcedor. Tomado no acontecimento discursivo, o sujeito-torcedor fala de si ao referir-se ao outro: *é campeão!*, que, por sua vez, significa diferentemente de *O Palmeiras é campeão brasileiro de 2018*.

Resumidamente, a equivocidade instituída no dizer materializa os efeitos de sentidos da festa pelo modo como o sujeito-torcedor, ao dizer do outro: *ele é campeão* / *O Palmeiras é campeão* / *é campeão!*; tomado pelo acontecimento discursivo, diz de si, identificando-se com as conquista do clube. Seu dizer tomado pelo acontecimento discursivo não se limita, portanto, à conjugação da forma verbal pela ausência de elementos mórficos. Os efeitos de sentidos produzidos pela formulação do sujeito-torcedor em celebrar uma conquista esportiva desliza, constituindo-se por

uma interpretação esportivo/festiva.

Dito de outra maneira, o grito de vitória materializa, na atualidade do dizer, a memória da festa. Tomado pelo acontecimento discursivo, *é campeão* descaracteriza determinadas convenções linguísticas, como o sujeito da oração e seus complementos, ressignificando de outro modo aquele que celebra a vitória do clube do coração.

Considerações finais

A formulação *é campeão* inscreve-se nas diferentes formações discursivas e, cantada, seus efeitos partem para o campo da indefinição dos sentidos. Ao consultarmos o dicionário, a definição da palavra *campeão* costuma enfatizar, genericamente, os efeitos de sentidos ligados ao primeiro lugar conquistado por um desportista ou uma equipe em uma competição⁹. Sua forma linguística é derivada da palavra campo, com a etimologia¹⁰ na língua germânica, *kamp*, campo de batalha.

Essa formulação não se limita à relação da palavra com algo existente no mundo, ou por um aspecto referencial que procura, fielmente, retratar uma conquista, um título. Se, imaginariamente, o grito de vitória projeta um futuro de lembranças das conquistas da equipe vencedora, por outro lado, a equação do resultado, como vimos, não se restringe ao dado empírico: está atravessada por diferentes discursos. O grito de vitória no acontecimento esportivo desestrutura a significação do resultado do jogo, atualiza a memória festiva, rompe com a lógica de significação dos dados e se configura pela multiplicidade dos sentidos.

É por essa multiplicidade de sentidos em jogo que a definição do verbo *ser*, no presente do indicativo, terceira pessoa do singular, passa a funcionar no acontecimento esportivo-festivo também na primeira pessoa, produzindo outros efeitos: a referência ao campeão que o dado atesta, na linguagem ela desliza. Ou seja, o grito de *é campeão*, cantado e celebrado pelas torcidas no meio esportivo, trabalha um distanciamento e, ao mesmo tempo, uma aproximação do torcedor com as glórias do clube, chegando a deixar em suspense quem de fato conquistou o título nacional: a torcida, o clube, ou os dois.

Em suma, a formulação *é campeão*, cantada pelas torcidas de futebol, situa-se no entremeio da significação, pelo modo como o acontecimento não deixa o referido dizer definir-se. Compreendemos o grito de vitória não limitado aos implícitos, às predicções, aos complementos e aos efeitos definidores relativos a um time vencedor. Os dados que atestam o vencedor do jogo derivam para os fatos de linguagem, o acontecimento esportivo-festivo. A formulação *é campeão*, portanto, trabalha nossa identidade plural em uma prática que nos desautoriza a saber aquilo que imaginamos cantar. Sobre o grito de vitória entoado pelas torcidas esportivas, fica a questão: *quem ganhou o quê?*

Referências:

⁹ Cf. Dicionário de Luiz Antonio Sacconi: minidicionário da língua portuguesa. 2013.

¹⁰ Cf. o site: <https://pt.wiktionary.org/wiki/campe%C3%A3o#Etimologia>. Acesso em 01 de jul. 2020.

- CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1989.
- CERTEAU, M. *A Cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. 7 ed. Campinas: Papirus, 2012. (Coleção Travessa do Século).
- HAROCHE, C. *Fazer Dizer, Querer Dizer*. Trad. Eni P. Orlandi com a colaboração de Freda Indusky e Marise Manoel. São Paulo: Hucitec, 1992.
- LESSA, F. S. *Práticas esportivas em Platão*. Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/38824>. Acesso em 09 de jul. 2020.
- ORLANDI, E. A Mantiqueira. In: ORLANDI, E. P. *Eu, Tu, Ele - Discurso e real da história*. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas: Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2008.
- ORLANDI, E. Do Fato para o Acontecimento (da Diferença à Resistência). In: ORLANDI, E. *Eu, Tu, Ele - Discurso e real da história*. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI, E. O Lugar das Sistemáticas Linguísticas na Análise de Discurso. *D.E.L.T.A.*, Vol. 10, Nº2, 1994, pp. 295 - 307). São Paulo: EDUC. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45408>. Acesso em 09 de jul. 2020.
- PÊCHEUX, M. Foi propaganda mesmo que você disse? In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2 ed. Campinas: Pontes, 2011.
- PÊCHEUX, M. Ideologia - aprisionamento ou campo paradoxal. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

Recebido em: 23/05/2021

Aceito em: 20/09/2021